

ACADEMIA BRASILEIRA ROTÁRIA DE LETRAS

SEÇÃO MATO GROSSO

ABROL - MT

CONSTITUIÇÃO 29/11/2014

1

AUTOBIOGRAFIA DO ACADÊMICO TITULAR DA CADEIRA Nº 05

JOVELINO DALLABRIDA

PATRONO: ROBERTO FLORÊNCIO

=====



Sou segundo ocupante da Cadeira 05, empossado no dia 26 de maio de 2023, na sucessão de Altair Nunes Ferreira, em solenidade ocorrida na XXXII Conferência do Distrito 4440, realizada na cidade de Sinop, Estado de Mato Grosso.

I – VIDA PESSOAL E ATIVIDADES PROFISSIONAIS

Nasci em 04 de maio de 1952, na Linha 29, Distrito de Ajuricaba – então pertencente ao município de Ijuí, no estado do Rio Grande do Sul, hoje emancipado politicamente. Sou filho de Silvestre Dallabrida e Maria Rosa Dallabrida, trabalhadores rurais de origem humilde, ambos semi-alfabetizados, que enfrentaram a vida com dedicação e simplicidade.

Minha chegada ao mundo foi marcada por circunstâncias que moldaram profundamente minha trajetória. Antes de mim, meus pais tiveram uma filha que, infelizmente, viveu por menos de duas horas. Pouco tempo depois do meu nascimento, enfrentei a perda precoce de meu pai, que faleceu quando eu tinha

apenas seis meses de idade. Assim, cresci ao lado de minha mãe, que assumiu sozinha a árdua tarefa de conduzir a família, enfrentando as dificuldades próprias da vida rural, com coragem e determinação.

Em 1959, mudei com minha mãe para o distrito de Barro Preto, no município de Ajuricaba, que dista, aproximadamente, cinquenta quilômetros da residência anterior. Fomos morar junto com a família de um tio, que possuía vários filhos na mesma faixa de idade que a minha. Essa mudança representou um novo começo, mas também trouxe muitos desafios.

O trabalho era árduo e exigia esforço constante. Minha mãe dedicava-se à lida na roça, enquanto eu conciliava os estudos pela manhã, na Escola Estadual Dr. Roberto Low, com o trabalho na lavoura à tarde, lado a lado com meus primos. Foram anos de grande aprendizado, tanto pelo convívio familiar como pelo contato com as dificuldades que moldaram meu caráter e disciplina.

Nesse período, as palavras de incentivo de vários parentes tiveram profundo impacto em mim. Eles me diziam, repetidamente, que eu deveria estudar para sair do trabalho pesado da roça e conquistar uma profissão que me permitisse não apenas uma vida mais digna, mas também melhores condições para minha mãe, que permaneceu sozinha, sem constituir uma nova família. Essas orientações se transformaram em motivação e em um compromisso silencioso que passei a carregar: o de fazer dos estudos um caminho de transformação pessoal e familiar.

Seguindo os incentivos que recebia de meus parentes, em 1968, juntamente com meu primo Valdomiro Dallabrida e o colega de turma Edgar Nunes Cavalheiro, esse, filho do meu professor Agenor Nunes Cavalheiro, ingressei no Instituto Municipal de Educação Rural Assis Brasil (IMERAB), em Ijuí, no curso de Magistério de 1º Grau, destinado à formação de professores para a área rural. Esse ingresso só foi possível graças à bolsa de estudos no internato da instituição, a qual representou uma oportunidade valiosa em minha vida.

Para ser admitido, precisei prestar exame de admissão e seleção ao Ginásio, no qual conquistei a primeira colocação. Esse resultado foi um marco importante, não apenas por me abrir as portas da formação docente, mas também por reforçar minha convicção de que o estudo seria o caminho para transformar minha realidade.

Concluí o curso de Magistério em 1971 e, no ano seguinte, em 1972, participei de novo processo seletivo para o Curso Técnico Agrícola da mesma instituição, no

qual obtive a segunda colocação.

Esse período, contudo, foi marcado por grandes desafios. Eu era extremamente carente de recursos, pois o trabalho de minha mãe, na roça, não gerava renda suficiente para custear as despesas não cobertas pelo internato e pela bolsa de estudos. Para enfrentar tais dificuldades, nos finais de semana eu trabalhava na escola-fazenda da instituição de ensino e durante as férias, com meus primos na lavoura. Dessa forma, conseguia obter algum recurso que me ajudava a seguir em frente, mantendo viva a esperança de conquistar uma vida mais digna por meio da educação.

Em 1970, para complicar ainda mais a situação, minha mãe adoeceu e já não podia mais trabalhar na roça. Essa circunstância agravou bastante nossa condição de vida, obrigando-me, a deixar minha mãe viver de favores em casas de parentes. Foi uma fase difícil, de privações e incertezas, mas que também me ensinou a ter resiliência e a valorizar ainda mais as oportunidades que os estudos me ofereciam.

A doença de minha mãe representou não apenas um desafio material, mas também emocional. A ausência de condições para mantermos o sustento diário reforçou em mim a responsabilidade de buscar, por meio da dedicação à educação, uma saída para a dura realidade em que vivíamos. A cada obstáculo, crescia minha determinação de vencer pelas vias do esforço e do conhecimento.

Nesse período, além de estudar e trabalhar nas horas vagas para suprir minhas necessidades, também passei a me envolver ativamente na política estudantil. Fui um dos associados fundadores do Centro Estudantil José de Alencar de Ijuí (CEJAI), entidade que buscava fortalecer a representatividade dos alunos e ampliar os espaços de diálogo em defesa da educação. No CEJAI, ocupei o cargo de Diretor do Jornal 'O Elo', de julho de 1972 a junho de 1973 e, posteriormente, a função de Secretário-Geral, de junho a outubro de 1973.

Ainda nesse campo, exerci também o cargo de Secretário-Geral da União dos Estudantes Médios de Ijuí (UEMI), entre outubro de 1973 e outubro de 1974. Essa experiência foi decisiva para ampliar minha visão sobre organização estudantil, cidadania e a importância de lutar coletivamente por direitos.

Na minha trajetória de militância estudantil, destaco ainda a parceria constante de dois colegas de classe que caminharam sempre a meu lado: Eugênio Frizzo, que ocupava de forma recorrente o cargo de presidente e Antônio Frizzo Tamabara, que

atuava como tesoureiro. Juntos, formávamos uma equipe coesa e comprometida, que se revezava nas responsabilidades do Centro Estudantil José de Alencar de Ijuí e da União de Estudantes Médios de Ijuí, das quais participávamos.

Essa convivência e cooperação fortaleceram não apenas os laços de amizade, mas também o espírito de liderança e de organização coletiva que tanto marcaram minha formação naquele período. Trabalhar em conjunto com eles foi fundamental para enfrentar os desafios, ampliar conquistas e consolidar uma experiência política e cidadã que deixou marcas permanentes em minha vida.

Também tive participação ativa nos eventos na União dos Estudantes Médios de Ijuí, contribuindo para a organização dos Jogos Estudantis da Primavera dos Grêmios Filiados, além de eventos como jogos estaduais, congressos regionais e estaduais. Nesse contexto, compus ainda em 1973 e 1974 uma comissão estadual encarregada de organizar uma associação estadual de técnicos agrícolas, voltada para defender melhorias e valorização dessa categoria profissional.

No período de fevereiro a junho de 1975, realizei o estágio de conclusão do curso de Técnico Agrícola na Cooperativa Tritícola Mista Campo Novo – COTRICAMPO, localizada na cidade de Campo Novo, no estado do Rio Grande do Sul. Minha atuação concentrou-se, especialmente, no setor de Seguro Agrícola (PROAGRO) e na elaboração de projetos de custeio para o financiamento da safra dos associados da cooperativa. Essa experiência prática foi fundamental para aplicar os conhecimentos adquiridos ao longo do curso e para compreender, de perto, a importância do trabalho técnico no apoio à agricultura familiar e à cooperativa.

Em julho de 1975, apresentei o relatório final do estágio e fui aprovado, conquistando, oficialmente o título de Técnico Agrícola, o que me tornava apto a iniciar minha vida profissional. Esse momento representou um divisor de águas em minha trajetória, pois simbolizava não apenas a conclusão de uma etapa de intensa dedicação, como também, a possibilidade concreta de trilhar novos caminhos e transformar minha realidade. A partir dali, começava uma nova fase, que mudaria para sempre a história da minha vida.

No final do mês de julho de 1975, parti em busca de uma aventura profissional, que marcaria definitivamente minha trajetória: o desbravamento das longínquas terras de Barra do Garças, no estado de Mato Grosso.

Essa região já não me era totalmente desconhecida. Eu havia visitado Barra

do Garças anteriormente, durante os meses de dezembro de 1973, janeiro e fevereiro de 1974, aproveitando o período de férias escolares para integrar a equipe de topografia responsável pela demarcação do Projeto de Colonização Garapu I. À época, essa área pertencia ao município de Barra do Garças, mas hoje pertence ao território do município de Canarana, também no estado de Mato Grosso.

Barra do Garças era então reconhecida como o Portal da Amazônia e chamada de Capital das Agropecuárias, pois, na década de 1960, com os incentivos fiscais promovidos pela Superintendência de Desenvolvimento da Amazônia (SUDAM), grandes agropecuárias que haviam se instalado na região, promoveram a abertura de áreas e o avanço da exploração pecuária. Esse cenário atrativo e desafiador foi o que me motivou a deixar o Rio Grande do Sul e me lançar a essa jornada que mudaria, para sempre, o rumo da minha vida pessoal e profissional.

Para viajar ao Mato Grosso não havia recursos suficientes para pagar as passagens. O colega Arnir Lunkes Goetz, que viajou comigo, prontamente me emprestou os recursos faltantes, gesto de amizade e confiança que guardo na memória até hoje.

O percurso até Barra do Garças não era nada simples. Após longas horas de viagem, ainda restava enfrentar cerca de 200 km de estrada sem asfalto, um trajeto duro, marcado por poeira no tempo seco e atoleiros intransitáveis quando chovia. A precariedade da estrada exigia paciência, coragem e uma boa dose de determinação para seguir em frente. Cada quilômetro percorrido reforçava a sensação de que eu estava deixando para trás não apenas a minha terra natal, mas também uma vida mais segura e previsível, em troca do desconhecido e do desafio que me aguardava naquelas terras distantes.

Ao chegar a Barra do Garças, iniciei minha trajetória profissional na Empresa Toplanagro Ltda, especializada em projetos agropecuários, topografia e de colonização. Os proprietários eram Roni Kurt Voigt, meu ex-professor, e Orlando Roewer, engenheiro agrônomo, também egresso da instituição onde estudei.

Essa ligação de confiança foi fundamental para minha inserção no mercado de trabalho em uma região que, apesar das grandes oportunidades, ainda era marcada por muitas incertezas e desafios. A Toplanagro atuava diretamente no planejamento agropecuário, topografia e execução de projetos de colonização, atividade de extrema relevância para o desenvolvimento de Mato Grosso na época, pois envolvia

desde a demarcação de terras, projetos para financiamentos agropecuários, até a organização de comunidades agrícolas.

Meu primeiro trabalho foi o cálculo do levantamento topográfico de uma demarcatória da Fazenda Tamakavy, de propriedade de Sílvio Santos, localizada na época no município de Barra do Garças, hoje abrangendo os municípios de Alto da Boa Vista e São Félix do Araguaia, no estado de Mato Grosso. A área era imensa, e o levantamento topográfico resultou em 450 estações, todas calculadas manualmente, em extensas planilhas próprias para esse tipo de trabalho.

Foram 15 dias de intensos cálculos, revisões e conferências. No final, a satisfação foi grande: os números estavam exatos, comprovando a seriedade e dedicação do trabalho realizado. Vale lembrar que, naquele período, não havia programas de computador disponíveis para auxiliar nesses cálculos; tudo era feito manualmente, exigindo concentração, disciplina e muita atenção aos detalhes.

A partir dessa experiência, passei a assumir a tarefa de elaborar projetos agropecuários destinados a financiamentos junto ao Banco do Brasil, através do programa PROTERRA. Era mais um desafio profissional, pois se tratava de um tema totalmente novo para mim. No entanto, em pouco tempo adquiri pleno domínio das exigências técnicas e legais, o que me proporcionou segurança e reconhecimento dentro da empresa.

Para mim, foi um verdadeiro laboratório de aprendizado. Cada projeto exigia não apenas conhecimento técnico, mas também capacidade de adaptação às condições adversas do campo e sensibilidade para lidar com os colonos que chegavam de várias partes do país, carregando sonhos, expectativas e, também, muitas dificuldades.

Essa etapa marcou o início de uma fase de crescimento acelerado, em que cada novo projeto se transformava em aprendizado, ampliando minha visão sobre a grandiosidade e o potencial da região.

A partir de janeiro de 1977, passei a acumular a função de responsável pelo setor financeiro da empresa, com a missão de organizar as finanças que enfrentavam sérias deficiências de gestão. Era uma área completamente desconhecida para mim, mas aceitei o desafio com a mesma determinação que me guiava em outras etapas da vida.

Um dos sócios, ciente da minha inexperiência no assunto, convidou um

contabilista para me transmitir algumas orientações básicas sobre caixa e fluxo de caixa. Essas primeiras instruções foram suficientes para despertar em mim a compreensão sobre a importância do controle rigoroso das finanças para a saúde de qualquer empreendimento.

A partir desse aprendizado inicial, estruturei um sistema de controle manual, desenvolvido com planilhas, registros e relatórios que, apesar da simplicidade, funcionou de maneira eficiente e garantiu maior segurança às operações da empresa. Com o tempo, esse modelo se consolidou e tornou-se fundamental para a gestão da TOPLANAGRO, permitindo clareza na administração e tomada de decisões.

Essa experiência inesperada mostrou que, muitas vezes, somos desafiados a sair da zona de conforto e a explorar áreas nas quais jamais imaginávamos atuar. Ao longo dos anos, percebi que aquele aprendizado rudimentar em finanças se tornaria um diferencial importante em minha trajetória, tanto no aspecto profissional, quanto pessoal.

Em meados de 1976, juntamente com um grupo de trabalho e seus familiares, fui incentivado a adquirir uma área rural de 500 hectares para a exploração agrícola. A proposta parecia promissora, já que a região vivia um momento de expansão e entusiasmo com as possibilidades da produção de grãos.

No entanto, a experiência revelou-se bastante difícil. A cultura escolhida foi o arroz de sequeiro, ainda incipiente na região e dependente de técnicas que, à época, não estavam suficientemente consolidadas. Para agravar, minha rotina na empresa não me permitia dedicar o tempo necessário ao acompanhamento direto da lavoura, ficando na dependência de funcionários que, geridos à distância, não conseguiam alcançar os resultados esperados.

O resultado foi uma safra frustrada e um grande prejuízo, que precisei cobrir com os recursos advindos da minha atividade profissional. Foi um duro aprendizado, que me mostrou, na prática, os riscos da agricultura sem o devido acompanhamento técnico e administrativo.

Apesar da decepção, essa experiência teve um valor imenso na minha formação. Aprendi que o entusiasmo e as oportunidades, por si só, não são suficientes para garantir o sucesso. É preciso conhecimento, presença e dedicação constante — lições que levarei para sempre em minha vida pessoal e profissional.

A vida não é feita apenas de sucessos, mas também de fracassos, que moldam nossa trajetória. Mesmo com o percalço na atividade agrícola, em janeiro de 1977, tomei uma das decisões mais importantes da minha vida: fui buscar minha mãe no Rio Grande do Sul, para que viesse morar comigo, em Mato Grosso.

Até dezembro de 1978, vivemos em uma república, dividindo a casa com colegas de trabalho. Nesse período, minha mãe se dedicou às tarefas domésticas, proporcionando um ambiente de acolhimento e cuidado em meio à rotina intensa de trabalho que eu enfrentava.

Em dezembro de 1978, vivi um dos momentos mais marcantes da minha vida pessoal: adquirir minha primeira casa própria. A partir daí, eu e minha mãe passamos a ter nosso próprio lar, um espaço simples, mas carregado de significado. Pela primeira vez, nossa família experimentava a sensação de ter um lugar estável e realmente nosso, fruto do esforço e da perseverança. Essa conquista representou mais do que uma realização material: foi um marco de independência, segurança e, acima de tudo, de gratidão, por poder retribuir à minha mãe parte do cuidado e do apoio que sempre me deu.

Mas minha vida não se resumia apenas ao trabalho profissional. Em meados de 1977, fui designado para representar a empresa na fundação da Associação Brasileira de Empresas de Planejamento Agropecuário (ABEPA), com sede em Brasília. A entidade tinha como objetivo defender os interesses das empresas de planejamento agropecuário em nível nacional, promovendo o intercâmbio de experiências e o fortalecimento do setor.

Na ABEPA, ocupei por diversos anos o cargo de Delegado, representando o estado de Mato Grosso, desempenhando um papel ativo na articulação com outras empresas e órgãos públicos. Além disso, fui membro do Conselho Fiscal por um biênio, contribuindo para a fiscalização e transparência das atividades da associação.

Em 1989, fui convocado para compor uma comissão encarregada de propor uma reformulação do estatuto social da entidade, assumindo a função de relator. A responsabilidade era grande, pois era necessário conciliar os interesses de diferentes estados e empresas, garantindo que a nova redação atendesse às demandas contemporâneas do setor. A proposta apresentada foi aprovada em sua integralidade, um resultado que reforçou não apenas a importância do trabalho da

comissão, mas também minha capacidade de liderança, negociação e comprometimento com os objetivos coletivos.

Essa experiência ampliou minha visão sobre gestão e governança, mostrando que o impacto de um profissional vai muito além do seu espaço de trabalho imediato, podendo influenciar, positivamente, todo um setor em nível nacional.

Em 1979 e 1980, a produção do arroz de sequeiro no estado de Mato Grosso foi severamente afetada por uma prolongada estiagem, causando uma profunda crise no setor agrícola. Diante dessa situação, tornou-se urgente organizar a classe produtora para buscar apoio governamental, tanto no refinanciamento das dívidas bancárias, quanto na oferta de novos créditos, que garantissem a continuidade do processo produtivo. Além disso, era necessário buscar recursos para a correção do solo, permitindo a introdução do plantio de soja e a diversificação da produção na região.

Para estruturar melhor a representação dos produtores, em junho de 1980 foram criadas três associações de produtores rurais em Mato Grosso. Para atender à região leste do estado, surgiu em Barra do Garças a Associação dos Produtores Rurais do Médio Araguaia (APRA), na qual assumi o cargo de Secretário Geral. Participei ativamente da organização e formalização do estatuto social, pois a própria atividade da empresa corria sério risco de colapso financeiro.

Com as associações fundadas, em julho iniciaram-se os trabalhos junto ao Governo Federal para ajustar o Valor Básico de Custeio (VBC). Diante das dificuldades de negociação, as entidades optaram, em agosto, por um movimento paredista, com protestos em frente às agências do Banco do Brasil, que acabaram fechadas por 15 dias. O movimento contou com a solidariedade da comunidade urbana, que reconhecia a gravidade da crise e apoiou a classe produtora.

Para fortalecer as negociações, foi necessário elaborar um estudo técnico detalhado a ser apresentado aos órgãos federais. Coube-me esta tarefa, dado que a empresa atendia cerca de 20% dos produtores rurais ativos da região, dispondo de dados estatísticos consistentes e confiáveis.

Concluído o estudo regional, passou-se à consolidação do estudo em nível estadual, em parceria com as demais associações. Fui parte da equipe técnica de quatro membros, sendo o único sem nível superior, mas responsável pelos ajustes finais, pois dominava plenamente o assunto e conhecia profundamente os números

e a realidade da região.

Essa experiência consolidou minha visão de que competência, dedicação e conhecimento prático podem superar barreiras formais, e que o engajamento com a comunidade e a classe produtora é essencial para a construção de soluções eficazes.

10

No início de 1981, retomaram-se os trabalhos de apuração dos custos de produção, principalmente da cultura do arroz de sequeiro. Os preços de mercado, contudo, não cobriam os custos de produção e tampouco garantiam algum resultado financeiro. A política de preços mínimos do Governo Federal, embora superior ao valor praticado pelo mercado, ainda se mostrava insuficiente para viabilizar economicamente a atividade agrícola.

O foco do trabalho passou, então, a ser a necessidade de o Governo Federal elevar o preço mínimo do arroz de sequeiro. Os cálculos de custo de produção, bem superiores ao valor pago pelo governo, embasaram as reivindicações. Como não houve êxito nas negociações, os produtores rurais, por meio de suas entidades representativas, decidiram organizar um movimento.

No mês de julho daquele ano, caravanas de produtores se deslocaram a Brasília, onde permaneceram acampados para apoiar suas lideranças e pressionar o Governo Federal a rever os preços mínimos do arroz. Foi um momento marcante de mobilização da classe produtora, que buscava, com união e persistência, garantir a sobrevivência de sua atividade.

A mim coube a tarefa de elaborar os estudos detalhados dos custos de produção e integrar a equipe técnica responsável pelas negociações junto aos diversos órgãos do Governo Federal. Entre eles, destacavam-se a Companhia de Financiamento da Produção (CFP), o setor de Política Agrícola do Banco Central do Brasil, o Banco do Brasil e o próprio Ministério da Agricultura. Paralelamente, buscou-se, também, apoio político por meio da Comissão de Agricultura da Câmara Federal.

Apesar de todo o esforço, da articulação intensa e da comprovação apresentada com dados técnicos, não se obteve êxito. As lideranças chegaram a publicar uma nota oficial, que não foi bem recebida pelo Governo. Diante dessa situação, fomos convencidos da necessidade de promover a desmobilização, transferindo ao Governador do Estado a responsabilidade pelas negociações — que,

infelizmente, também não resultaram em sucesso.

O trabalho de coordenação e elaboração dos estudos permaneceram sob minha responsabilidade, tanto de custeio da produção, quanto do custo de produção e se prolongaram até o ano de 1985, ainda que com pouco resultado prático. A atividade rural, sobretudo no leste mato-grossense, mergulhou em profunda crise, marcada pelo endividamento crescente e pela escassez de recursos destinados a investimentos fundamentais, como a correção do solo, condição indispensável para viabilizar a cultura da soja.

Naquele período, a soja ainda não contava com variedades adaptadas nem com técnicas de exploração de alta performance, o que dificultava sua implantação em larga escala. O cenário foi desolador: muitos agricultores acabaram perdendo suas propriedades, máquinas e equipamentos, entregues à liquidação das dívidas oriundas dos financiamentos bancários.

Em meio a esse cenário econômico regional adverso, tomei uma importante decisão em minha vida pessoal: constituir família. Em 1984, contrai matrimônio com Clementina Aparecida Carneiro, união que perdurou até 1992. Dessa relação nasceram minhas duas filhas, que se tornaram motivo de grande orgulho: Juliana Carneiro Dallabrida, nascida em 24 de março de 1985, que seguiu a carreira de Psicóloga; e Simone Carneiro Dallabrida, nascida em 28 de maio de 1986, que se formou em Medicina.

Conciliar a vida familiar com as responsabilidades profissionais e os desafios da atividade agrícola regional que gerava renda para a empresa que trabalhava não foi tarefa fácil. O período em que nasceram minhas filhas coincidiu justamente com os anos mais difíceis para a economia rural no leste de Mato Grosso. Enquanto dedicava atenção à formação de minha família, também precisava lidar com as incertezas do campo, o endividamento dos produtores e a busca incessante por alternativas que pudessem devolver sustentabilidade à produção.

Ainda assim, a chegada de Juliana e Simone trouxe renovação de ânimo e um sentimento de responsabilidade maior. Se, por um lado, a conjuntura econômica exigia resiliência e coragem, por outro, a família oferecia suporte emocional e motivação para seguir adiante, mesmo diante das adversidades.

Em meio a esse cenário de incertezas, em 1986 decidi desbravar uma fazenda de 1.168 hectares que havia adquirido em 1982. Realizei investimentos pesados por

meio de financiamentos bancários. No primeiro ano, obtive excelente produtividade na cultura do arroz. Animado com o resultado, no ano seguinte passei a cultivar soja, adotando o que havia de melhor em tecnologia agrícola disponível na época. Até o período da colheita, a lavoura apresentava alta qualidade e projetava uma ótima safra.

Porém, no momento adequado da colheita, sucessivas e intensas chuvas dificultaram os trabalhos e boa parte da produção se deteriorou no campo, inviabilizada pela impossibilidade de colheita. No ano seguinte, retornei à cultura do arroz, mas uma prolongada estiagem resultou em forte frustração de safra. Sem condições de prosseguir na atividade, enfrentei uma profunda crise financeira, abandonando a atividade de produção agrícola.

Nesse período, também deixei de trabalhar para a TOPLANAGRO que, igualmente, atravessava dificuldades, em razão da crise do Agronegócio. Foi então que, em 1990, em parceria com o contabilista Eugênio Érico Korndorfer, decidi abrir um escritório contábil voltado para o atendimento dos produtores rurais da região do Araguaia.

Diante desses percalços financeiros, minha renda profissional sofreu uma queda brusca, pois a nova atividade não remunerava no mesmo patamar da empresa anterior nos seus bons tempos. Além disso, havia ainda o pesado endividamento sobre o imóvel rural, cuja solução somente foi possível em 1997.

Nesse período, a vida pessoal também foi marcada por acontecimentos difíceis. Em 1991, enfrentei o falecimento de minha mãe e, em 1992, passei por um processo de separação matrimonial.

A primeira metade da década de 1990 foi, sem dúvida, a fase mais difícil da minha vida, marcada pela crise financeira pessoal e pela grave crise que assolava também a classe produtora rural.

Apesar das dificuldades financeiras e dos problemas familiares que marcaram o início da década de 1990, nunca deixei de estar ligado ao associativismo. Sempre acreditei que a união da classe produtora era o caminho mais seguro para enfrentar os desafios impostos pela economia e pelas condições adversas do campo.

Nesse espírito coletivo, participei ativamente da fundação da Cooperativa de Crédito Rural do Leste, em Água Boa – MT, no ano de 1988, e posteriormente da Cooperativa de Crédito Rural do Médio Araguaia, em Barra do Garças – MT, em

1990. Nessa última instituição, exerci papéis de destaque: fui o primeiro vice-presidente e, mais tarde, integrei o Conselho Fiscal, sempre com o compromisso de zelar pela transparência e fortalecimento do sistema cooperativo.

A causa cooperativista sempre me motivou a atuar de forma ativa e voluntária em diferentes frentes de liderança. Minha trajetória nesse campo iniciou-se em 1988, integrando o Conselho Diretor, o Conselho Fiscal e a função de Líder de Núcleo da Cooperativa de Crédito Rural do Médio Araguaia, em Barra do Garças – MT, permanecendo até 2006.

Na sequência, de 2007 a 2012, participei da Cooperativa de Crédito do Araguaia, em Água Boa – MT, onde tive a oportunidade de contribuir para o fortalecimento da instituição e para o desenvolvimento regional por meio da prática do cooperativismo de crédito.

A partir de 2013, passei a integrar a Cooperativa de Crédito do Araguaia Xingu, em Canarana – MT, onde permaneço atuante até o momento, sempre desempenhando funções voltadas à governança, fiscalização e apoio às estratégias de expansão da cooperativa.

Essa longa caminhada no cooperativismo consolidou em mim a certeza de que a união de esforços coletivos é capaz de gerar desenvolvimento sustentável, inclusão social e oportunidades para pequenos e médios produtores, comerciantes e empreendedores locais.

Além disso, continuei atuando de forma constante na Associação dos Produtores Rurais do Médio Araguaia, uma entidade representativa que buscava soluções conjuntas para as dificuldades enfrentadas pela classe produtora. Essas experiências reforçaram em mim o valor da solidariedade e da organização social, mostrando que, mesmo em tempos de crise, o associativismo é uma poderosa ferramenta de superação.

As dificuldades no campo profissional, pessoal e financeiro não foram empecilho para que eu buscasse outras frentes de atuação. Nesse sentido, dediquei parte do meu tempo à política partidária, entre os anos de 1992 a 2002, período em que exerci cargos de direção municipal nos diretórios do PDT e, posteriormente, do PPS em Barra do Garças.

Durante essa década de envolvimento político, tive a oportunidade de coordenar uma campanha municipal de chapa majoritária à prefeitura, além de atuar

diretamente na organização e condução de três pleitos proporcionais para o Legislativo, apoiando candidatos ao cargo de vereador. Essa experiência me trouxe uma visão ampliada sobre os bastidores da política, o funcionamento das estruturas partidárias e, principalmente, o valor do diálogo com a comunidade.

Apesar dos desafios e da complexidade que envolve o cenário político, essa participação foi importante para fortalecer minha capacidade de liderança, negociação e articulação, competências que, mais tarde, também contribuíram para meu desempenho em outras áreas da vida profissional e comunitária.

Ainda no campo político, desempenhei outras atribuições que marcaram minha trajetória. Exerci a função de mediador do curso de Gestores Públicos Municipais, promovido pela Fundação Ulisses Guimarães, em Barra do Garças – MT, nos períodos de março a julho de 2008 e de fevereiro a junho de 2010. Essa experiência foi enriquecedora, pois possibilitou compartilhar conhecimentos, trocar vivências e contribuir para a formação de lideranças comprometidas com a boa gestão pública.

Entre os anos de 2008 a 2014, atuei também como contador responsável pela prestação de contas eleitorais de partidos políticos, comitês eleitorais, candidatos a prefeito e vereadores. Nesse período, realizei aproximadamente 100 prestações de contas, todas devidamente aprovadas pelos órgãos competentes, sem nenhum caso de reprovação. Esse desempenho foi resultado de um trabalho pautado pela ética, pela responsabilidade técnica e pela estrita observância à legislação eleitoral, valores que sempre nortearam minha conduta profissional e cidadã.

Em 1996, dei um passo importante na minha trajetória profissional ao firmar sociedade com o contabilista e economista Hugo Poyer, uma parceria que se mantém sólida e produtiva até os dias atuais. Essa união profissional permitiu ampliar a atuação no setor contábil, imobiliário e financeiro, consolidando serviços de qualidade e fortalecendo relações com clientes e instituições da região. A experiência adquirida ao longo dos anos com essa sociedade tornou-se um marco de estabilidade e crescimento constante em minha vida profissional, mesmo diante das adversidades enfrentadas anteriormente.

Nesse período, busquei aprimoramento pessoal e profissional por meio de cursos no SEBRAE, que tiveram um efeito transformador: recuperaram minha autoconfiança e reacenderam o desejo de retornar aos bancos escolares. Afinal, a educação foi um fator determinante na primeira fase da minha vida, e eu sabia que

agora não seria diferente.

Em fevereiro de 2000, prestei o vestibular para o Curso de Contabilidade na faculdade Univar, em Barra do Garças, classificando-me em terceiro lugar, mesmo após 26 anos afastado dos estudos formais. A conquista reforçou minha convicção de que dedicação e esforço podem superar qualquer hiato temporal.

Concluí o curso em dezembro de 2004 e, motivado pelo desejo de aprofundar meus conhecimentos, iniciei o Curso de Pós-graduação em Auditoria e Análise Contábil pela Universidade Federal de Goiânia, concluído em setembro de 2006. Essa trajetória acadêmica consolidou minha formação profissional e abriu novas perspectivas para atuação na área contábil e financeira.

Motivado pela busca de uma vida mais equilibrada e com a melhoria da qualidade de vida na primeira década deste século, decidi constituir uma nova família. Em 2010, casei-me novamente com Edmara da Costa Castro Dallabrida, união que trouxe renovação, companheirismo e novos propósitos para minha caminhada.

Dessa relação nasceu meu filho, Pedro de Castro Dallabrida, em 18 de março de 2011, atualmente estudante. A chegada de Pedro representou uma bênção e um novo sentido para minha vida, fortalecendo, ainda mais, meu compromisso com a educação, com os valores familiares e com a construção de um futuro pautado em princípios sólidos.

Ser pai nessa fase da vida me trouxe uma percepção diferente sobre o tempo e sobre prioridades. Cada etapa do crescimento de Pedro se tornou motivo de aprendizado e inspiração, reacendendo em mim a esperança e o entusiasmo para continuar lutando por uma sociedade mais justa e com melhores oportunidades para as novas gerações. Essa experiência renovou também a minha motivação para investir em conhecimento e participação comunitária, pois compreendi que cada ação no presente se reflete diretamente no legado que deixaremos para nossos filhos.

Recentemente, buscando atualização e especialização para atender às demandas contemporâneas, dediquei-me ao estudo da *Holding* Rural, Familiar e Patrimonial, área estratégica para o planejamento sucessório e para a organização de empresas familiares. Entre os anos de 2021 a 2023, concluí essa especialização com o objetivo de auxiliar minha clientela na condução de processos de sucessão

familiar, oferecendo soluções seguras, sustentáveis e alinhadas às exigências legais. Essa formação representou não apenas um avanço técnico em minha trajetória profissional, como também um compromisso em contribuir para a perenidade dos empreendimentos rurais e familiares, preservando o patrimônio construído com esforço e garantindo a continuidade dos negócios de geração em geração.

A partir de 2023, passei a atuar no assessoramento do Centro de Tradições Gaúchas (CTG) Sinuelo do Araguaia, contribuindo com suporte contábil e na organização legal da entidade. Nesse período, desempenhei o papel de relator da reforma estatutária, que, após amplo debate, foi aprovada por unanimidade em assembleia geral extraordinária realizada em 09 de agosto de 2025.

Ainda nesse contexto, realizei a análise contábil da gestão de 2024, emitindo parecer pela reprovação das contas, fato que contribuiu de forma decisiva para a destituição da diretoria em assembleia geral extraordinária, ocorrida em 12 de julho de 2025.

Com a eleição da uma nova diretoria, assumi oficialmente a responsabilidade pela contabilidade da entidade, com a missão de estruturar o processo de prestação de contas e implantar práticas que assegurem maior transparência e credibilidade à gestão financeira. Esse trabalho representa não apenas uma atuação técnica, mas também um compromisso ético e comunitário, reforçando a importância da responsabilidade e da transparência na condução de instituições culturais e sociais.

Na atualidade, continuo ativo nas minhas atividades profissionais da contabilidade através da Sociedade Empresária J. Dallabrida & Cia Ltda, na condição de sócio administrador. Sempre atento com as finanças empresarial e familiar para não ocorrer em eventos que possam criar situações vividas no passado. Pretendo exercer minhas funções profissionais até 2032, quando completarei 80 anos.

Encerrando este capítulo, percebo que minha caminhada foi marcada pela resiliência, pela dedicação ao trabalho e pelo compromisso comunitário. As experiências vividas nos campos político, cooperativista e comunitário, somadas à vida acadêmica, profissional e familiar, moldaram não apenas minha carreira, mas também meu caráter e meus valores.

Cada desafio enfrentado — seja nas crises financeiras, nas responsabilidades

de liderança, nas funções de assessoramento ou nos caminhos da vida pessoal — serviu como aprendizado e me preparou para viver com mais consciência e propósito. O cooperativismo me ensinou a força da coletividade; a política, a importância do diálogo e da articulação; a contabilidade, o valor da transparência e da responsabilidade; e a família, a verdadeira razão de todo esforço.

Hoje, sigo com a convicção de que o trabalho digno e honesto é o alicerce da felicidade e da qualidade de vida. Com esse espírito, pretendo continuar contribuindo, até o limite de minhas forças, para o desenvolvimento de minha comunidade, da minha família e de todos aqueles que confiam no meu trabalho. Afinal, a vida é feita de ciclos e cada um deles deixa marcas, que permanecem como legado para as próximas gerações.

II – TRAJETÓRIA ROTÁRIA

Ingressei no Rotary em 26 de abril de 1988, na categoria de associado representativo, sendo minha área de atuação a Contabilidade Rural, registrado no *Rotary International* sob o nº 1420782. Afastei-me, temporariamente do Rotary, em março de 2000, em razão de meus estudos acadêmicos, retornando às atividades rotárias em 1º de novembro de 2006.

Sou contribuinte ativo da Fundação Rotária, tendo sido reconhecido como Companheiro *Paul Harris* com duas safiras, distinção que reflete meu comprometimento com os ideais e projetos de serviço do Rotary.

No Rotary Club Barra do Garças, desempenhei diversos cargos de liderança e gestão, contribuindo para o fortalecimento da instituição e para o desenvolvimento de ações sociais e comunitárias. Entre minhas funções, destaco: Diretor de Protocolo – quatro vezes; Secretário – três vezes; Tesoureiro; Presidente da Comissão da Fundação Rotária; e, Presidente da Comissão de Desenvolvimento do Quadro Associativo – cinco vezes.

Exerci a presidência em duas oportunidades: no Ano Rotário 1999/2000, sob o lema do Presidente do *Rotary International* Carlo Ravizza: “Aja com Coerência, Confiança, Continuidade”; e, no Ano Rotário 2019/2020, sob o lema do Presidente do *Rotary International* Mark Maloney: “O Rotary Conecta o Mundo”.

Coordenei o projeto “Semana da Arrumação” do Rotary Club Barra do Garças por cinco edições – 2007 a 2011. Este projeto gerou grande mobilização da comunidade na arrecadação de roupas, calçados, materiais domésticos e outros bens em boas condições de uso, que após classificados pelo Clube, foram entregues a entidades assistenciais e distribuídos a famílias menos favorecidas.

Participei ativamente na fundação do Rotary Club Barra do Garças Águas Quentes, Aragarças, Torixoréu e Nova Xavantina, no período de 1990 a 1996.

Assumi a Secretaria Geral da Governadoria no ano rotário 1998/1999, quando o Companheiro Eugenio Érico Korndorfer foi Governador do Distrito 4440. Neste período, como Secretário Distrital, instituí o concurso “Secretário Competente” com o objetivo de estimular os secretários dos clubes a desenvolverem, adequadamente, as suas funções rotárias, atribuindo pontuação e premiação para aqueles que cumpriram integralmente com os quesitos avaliados por ocasião da Conferência Distrital.

Exercí o cargo de Governador Assistente do Distrito 4440, quando foram governadores o Companheiro Nildo Lima Queiroz – ano rotário 2007/2008 e o Companheiro Serafim Carvalho de Melo – ano rotário 2010/2011.

Fui instrutor de treinamento de secretários e de gestão rotária, designado pelo Distrito 4440 para novos dirigentes de Rotary Clubes em 1998 e 2009.

No meu segundo mandato como Presidente do Rotary Club Barra do Garças (ano rotário 2019/2020), fundei o Rotakids, programa destinado a crianças de 7 a 14 anos, incentivando a cidadania, o voluntariado e os princípios rotários desde a infância.

Ao longo de minha trajetória no Rotary, participei de diversas iniciativas que reforçaram minha atuação em governança, regulamentação e desenvolvimento institucional. Entre novembro de 2006 e maio de 2008, contribuí ativamente para a formulação do Regulamento de Indicação de Governador do Distrito 4440, sendo posteriormente relator da sua reforma, no período de agosto de 2018 até maio de 2022, processo que visou atualizar e aprimorar os mecanismos de indicação e seleção de governadores distritais, fortalecendo a transparência e a governança

rotária.

Em 2023, fui membro relator da Subcomissão de Avaliação de Candidatos a Governador do Distrito para o ano rotário 2025/2026, aplicando integralmente os dispositivos contidos no Regulamento de Indicação de Governador do Distrito 4440, contribuindo para a condução justa e imparcial do processo de seleção.

Também atuei como Coordenador e Relator da Comissão de Reforma do Estatuto Social da Academia Brasileira Rotária de Letras – Seção Mato Grosso, com aprovação em Assembleia Geral Extraordinária realizada em 15 de junho de 2024. Além disso, fui membro da Comissão de Reforma do Estatuto Social da Associação dos Rotary Clubs do Distrito 4440, no período de 2021/2022, assumindo a função de relator até junho de 2024, quando a reforma foi aprovada em Assembleia Geral Extraordinária realizada em 28 de junho de 2024.

Minha participação se estendeu também às Conferências Distritais, desde os tempos do antigo Distrito 447, com presença em Araçatuba, SP (ano rotário 1988/1989) e Campo Grande, MS (ano rotário 1989/1990). Após a criação do Distrito 4440, estive presente na maioria das Conferências, destacando-me no ano rotário 2006/2007, quando apresentei na plenária o projeto “Semana da Arrumação”, desenvolvido pelo Rotary Club Barra do Garças, demonstrando a importância do engajamento comunitário e da mobilização social.

Essas experiências permitiram-me compreender a importância do serviço voluntário, do trabalho em equipe e da liderança ética, consolidando valores que permeiam minha vida profissional, pessoal e comunitária. Cada mandato, cada comissão e cada projeto realizado reforçaram a convicção de que o Rotary é um espaço de transformação social, onde ações concretas podem gerar impactos duradouros na vida das pessoas e na comunidade em geral.

III – RECONHECIMENTOS E HONRARIAS

Ao longo da minha trajetória profissional, comunitária e cívica, tive a honra de receber diversas moções, títulos e reconhecimentos que refletem o compromisso com o desenvolvimento regional, o serviço à comunidade e a dedicação ao trabalho ético e responsável.

Em maio de 1983, fui agraciado com a Moção de Aplausos nº 97/83, datada de 06 de junho de 1983, concedida pela Câmara Municipal de Barra do Garças – MT. Recebi essa homenagem na condição de Presidente da Associação dos Produtores Rurais do Médio Araguaia – APRA, pelo empenho na promoção e organização do encontro com membros da Comissão de Agricultura da Câmara dos Deputados e técnicos do Ministério da Agricultura, realizado em Barra do Garças e na região do Araguaia.

No mesmo ano, em 28 de novembro de 1983, recebi a Moção de Congratulações nº 17/83, concedida pela Câmara de Vereadores de Nova Xavantina – MT, também na condição de Presidente da APRA, pela conquista que representou a publicação da Carta Circular nº 958 do Banco Central do Brasil, de 18 de novembro de 1983, que declarou o Vale do Araguaia como “Área Emergencial”, fortalecendo o apoio financeiro e institucional aos produtores da região.

Em reconhecimento à trajetória e aos serviços prestados, fui agraciado em 04 de novembro de 2009 com o Título de Cidadão Matogrossense, concedido pela Assembleia Legislativa do Estado de Mato Grosso, por meio do Projeto de Resolução 2018/09, de autoria do Deputado Estadual Adalto de Freitas Filho, entregue em sessão solene em 17 de dezembro de 2009. A Ata 220 – “B” destaca que sou “mais um imigrante advindo do Sul do País, que escreve a sua história neste Estado como renomado e competente ser humano em todas as ações empreendidas e pela atenção dispensada à sociedade sempre que chamado para servir, orientar e apoiar em todas e quaisquer necessidades”.

No mesmo contexto, recebi a Moção de Aplausos nº 283/93, outorgada pela Câmara de Vereadores de Barra do Garças – MT, em sessão realizada em 15 de dezembro de 2009, como reconhecimento pelo Título de Cidadania Matogrossense. A justificativa destacou que sou “cidadão bastante conhecido na cidade, com vasta folha de serviços prestados ao Município, no exercício das suas atividades profissionais, além de ser um grande incentivador e colaborador nas ações de cunho social e filantrópico”.

Recentemente, fui agraciado com o Título de Cidadão Barra-Garcense, concedido pela Câmara de Vereadores de Barra do Garças – MT, por meio do Projeto de Resolução nº 011/2024, de autoria do Vereador Pedro Ferreira da Silva Filho,

entregue em sessão solene em 26 de junho de 2024. O objetivo desta honraria foi “prestar justíssima homenagem ao Cidadão Jovelino Dallabrida, em reconhecimento à trajetória de mais de 49 anos de serviços prestados ao Município de Barra do Garças – MT, contribuindo significativamente para o seu desenvolvimento”.

Esses reconhecimentos representam, não apenas um tributo pessoal, mas também a valorização de anos de dedicação, trabalho e comprometimento com a comunidade, o desenvolvimento regional e a promoção do bem-estar coletivo. Cada título e moção recebidos reforçam o sentido de servir, orientar e apoiar a sociedade, princípios que sempre nortearam minha trajetória.

IV – PERFIL DE ATUAÇÃO

Ao longo da minha trajetória, sempre primei pelo planejamento, pela organização das minhas atividades e pelo rigor na observância dos princípios éticos e dos dispositivos legais, seja no exercício das minhas funções profissionais, seja nas atividades associativas e humanitárias.

Minha vida profissional e comunitária é marcada pela busca constante de estruturação e aprimoramento das organizações das quais participo. Essa postura se refletiu em diversas iniciativas de impacto duradouro, tais como: Formulação e reformulação do Regulamento de Indicação de Governador do Distrito 4440, garantindo transparência e justiça nos processos de escolha; Reforma do Estatuto da Associação Distrital e da Academia Brasileira de Letras – Seção Mato Grosso, fortalecendo a governança e os mecanismos de funcionamento interno; Reformulação do Estatuto do Centro de Tradições Gaúchas Sinuelo do Araguaia; Estruturação do funcionamento do Conselho Fiscal e da contabilidade da Academia Brasileira Rotária de Letras – Seção Mato Grosso e do Centro de Tradições Gaúchas Sinuelo do Araguaia, promovendo maior transparência e eficiência na gestão financeira;

Atualmente, estou me desafiando a estruturar orientações para a elaboração de Autobiografias e Currículos Vitae da Academia Brasileira de Letras – Seção Mato Grosso, buscando sistematizar experiências e conhecimentos para auxiliar outros acadêmicos na organização de suas trajetórias de vida.

Essa postura evidencia meu compromisso com a ética, com a transparência e com a melhoria contínua, valores que norteiam minhas decisões e fortalecem minha contribuição tanto no campo profissional quanto no associativo e comunitário.

Primeira Versão publicada em 10/11/2023

Segunda Versão publicada em 30/06/2024

Terceira Versão publicada em 30/09/2025